

BOLSAS	BOVESPA	C-BOND	DÓLAR	EURO	OURO	CDB	INFLAÇÃO
Na quarta (em %)	Índice da Bolsa de Valores de São Paulo nos últimos dias (em pontos)	Título da dívida externa brasileira, na quarta (em US\$)	Comercial, venda, quarta-feira (em R\$)	Últimas cotações (em R\$)	Turismo, venda (em R\$)	Onça troy na Comex de Nova York (em US\$)	Preço do dólar 32 dias (em % ao ano)
+1,25 São Paulo	22.725 22.949	0,97 (▲0,32%)	2,888 (▲0,49%)	3,550 (▼0,48%)	419,70 (▼0,78%)	15,69	IPC do IBGE (em %)
			01/abril 02/abril 05/abril 06/abril 07/abril				Outubro/2003 Novembro/2003 Dezembro/2003 Janeiro/2004 Fevereiro/2004
			2,89 2,89 2,87 2,87 2,87				0,29 0,34 0,52 0,76 0,61

Desemprego elevado e renda em queda provocam retração no consumo.
Setores de medicamentos, vestuário e calçados reduzem ritmo nas fábricas

Produção perde fôlego

DA REDAÇÃO

O processo de recuperação da indústria brasileira perdeu fôlego em fevereiro de 2004. Pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) constatou que a produção caiu 1,8% naquele mês em relação a janeiro. Mesmo assim, nos primeiros dois meses do ano a produção industrial acumulou alta de 2,7%. Segundo o IBGE, não é possível traçar uma tendência de comportamento para os próximos meses. Em uma série comparativa mais longa, um dado desanimador: a taxa anualizada dos últimos 12 meses registrou crescimento de 0,0%. "A produção industrial ficou estagnada no acumulado do ano passado", disse o chefe do departamento de indústria do IBGE, Silvio Sales.

Para completar o rol de notícias ruins, o IBGE revisou a variação da produção industrial em 2003, na comparação com 2002. Pela nova metodologia, ocorreu, na verdade, queda de 0,1% no ano passado e não alta de 0,3%, como foi divulgado anteriormente. A

pesquisa de fevereiro de 2004 foi realizada com base nessa nova metodologia, que abrange 27 setores, sete a mais que na pesquisa anterior. Foram incluídos, por exemplo, os setores de impressão de revistas, jornais e CDs, além de máquinas para escritório e equipamentos de informática.

No dia em que foram divulgados os dados desanimadores, o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, disse ontem em Paris estar confiante no futuro do Brasil. "Toda vez que eu viajo ao exterior os indicadores melhoram. Acho que vou viajar mais", brincou, sem saber dos resultados ruins do desempenho industrial de 2003 e 2004.

Em baixa

O decréscimo na produção em fevereiro em relação a janeiro atingiu todos os segmentos pesquisados: bens de capital (-2,4%), bens intermediários (-0,8%), bens de consumo duráveis (-5,4%) e bens de consumo semi e não duráveis (-2,0%). Para o IBGE, ante o mês anterior "houve um perfil generalizado de queda na produção, com 15 das 23 atividades pesquisadas

registrando decréscimos".

No primeiro bimestre de 2004, 15 atividades registraram alta, destacando-se refino de petróleo e álcool (11,2%), veículos automotores (8,7%) e material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações (23,8%). Entre as atividades em queda ficaram farmacêutica (-12,6%), vestuário e acessórios (-15,0%) e calçados e artigos de couro (-9,3%), três indústrias tipicamente associadas ao comportamento do consumo interno e sensíveis à evolução da massa salarial.

O desemprego alto e a renda em queda são apontados como fatores responsáveis pelo péssimo desempenho dos bens de consumo duráveis no segundo mês de 2004. Em fevereiro, a taxa de desemprego chegou a 12% da população economicamente ativa das seis maiores regiões metropolitanas do país (São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Salvador, Belo Horizonte e Porto Alegre). Em janeiro, a taxa era de 11,7%. Além do aumento do desemprego, o IBGE registrou queda na renda média do trabalhador brasileiro. O IBGE constatou ainda que o rendimento em

fevereiro caiu 5,7% na comparação com o mesmo mês de 2003.

Os resultados da produção industrial na comparação de fevereiro de 2004 com fevereiro de 2003, entretanto, variam para setores como bens de capital (10,4%), bens intermediários (4,3%) e bens de consumo duráveis (2,5%). Houve queda nessa base de comparação dos bens de consumo semi e não duráveis (-3,1%), segmento mais influenciado pela renda dos trabalhadores e que abrange produtos com calçados, vestuário, remédios e alimentos.

"Em fevereiro de 2004, os segmentos que cresceram muito em alguns períodos do ano, como bens de consumo duráveis e de capital, mostraram perda de ritmo, mas não se sabe se essa é uma tendência ou um ajuste de estoques", explicou Silvio Sales. Na avaliação de Alexandre Maia, analista da GAP Asset Management, a queda de fevereiro era esperada porque houve crescimento muito acelerado em alguns meses de 2003. "A série da produção está muito volátil, com altos e baixos. Há dificuldade de se perceber uma tendência", avalia.

EM BAIXA

O faturamento real das micro e pequenas empresas do estado de São Paulo caiu 17,9% em fevereiro na comparação com o mesmo mês do ano passado, o que significa uma redução de R\$ 3,2 bilhões no caixa do setor. As informações constam da pesquisa de conjuntura "Indicadores Sebrae-SP", realizada mensalmente pela entidade. O resultado surpreendeu o diretor-superintendente do Sebrae, José Luiz Ricca, que esperava um começo de ano melhor.

O DESEMPENHO POR CATEGORIA (em %)

■ Fev 2004/Fev 2003
■ Fev 2004/Jan 2004

Bens de consumo semiduráveis e não-duráveis (como roupas e alimentos)

3,1
-2,0

Bens de consumo duráveis (como automóveis e eletrodomésticos)

2,5
-5,4

Bens intermediários (peças e insumos)

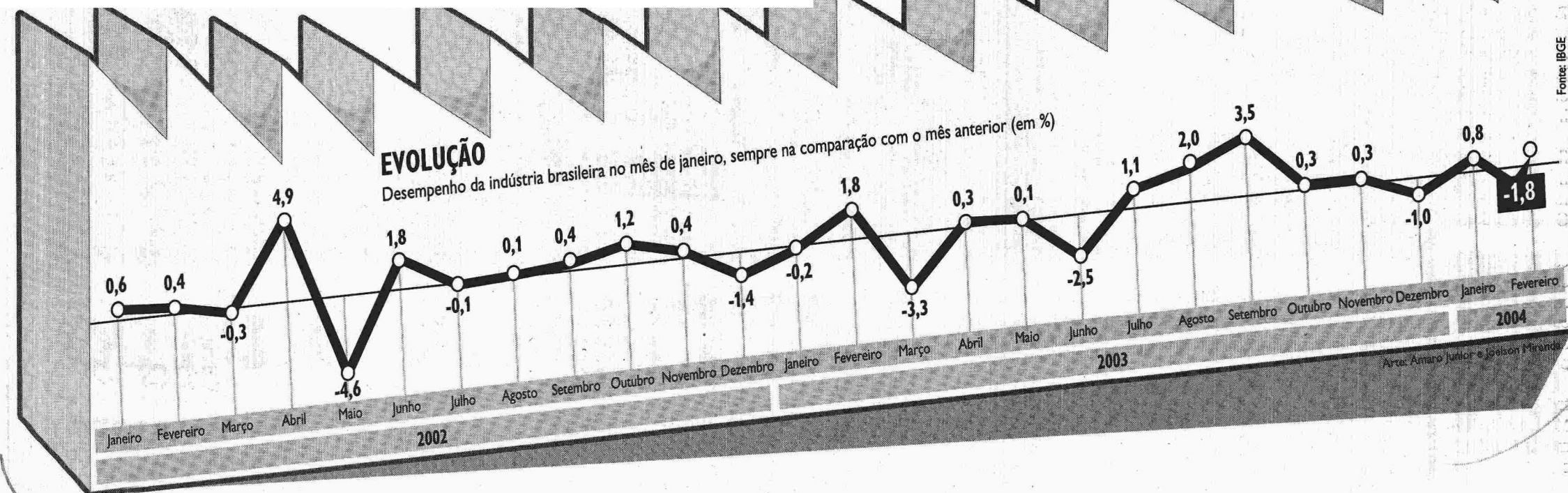
4,3
-0,8

Bens de capital (máquinas e equipamentos)

10,4
-2,4

EVOLUÇÃO

Desempenho da indústria brasileira no mês de janeiro, sempre na comparação com o mês anterior (em %)



Fonte: IBGE

Artes: Amaro Junior e Jelson Miranda